



A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA: DIVERSIDADE CULTURAL, VIOLÊNCIA E ESPAÇO ESCOLAR COMO COMBUSTÍVEIS PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA

Natália Yolanda de Carvalho Araújo ¹

RESUMO

O artigo discute a experiência da autora como bolsista de Sociologia do Programa de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Rio Grande do Norte numa escola urbana de Natal, objetivando relatar a busca por uma educação problematizadora e palpável no que se refere ao ensino de Sociologia, construída com base na união de conhecimentos antropológicos, educacionais e sociológicos. Para tanto, o artigo visa debater a palpabilidade da educação pública através da compreensão das realidades dos estudantes, tanto no que se refere as suas culturas, quanto a sua relação com um espaço escolar marcado pela disciplina e violência. A pesquisa tem como arcabouço metodológico a utilização do método etnográfico, observação participante na escola no período de 2018-2019 e pesquisas qualitativas/quantitativas com os discentes. Tomando como base os conceitos de educação libertária (FREIRE, 1983b); cultura (MORIN, 2001); vigiar e punir (FOUCAULT, 2012), ao discuti-los como complementares, o artigo problematiza a educação sociológica com base numa imersão na cultura e diversidade cultural da escola, principalmente no que se refere aos alunos e as suas realidades estudantis e vivências de juventudes, aspectos lidos como substratos possíveis de transformação e ressignificação de uma discussão sociológica construída a partir e para os estudantes. Os resultados da pesquisa são materializados em aulas, atividades e dinâmicas que unem e problematizam os aspectos apreendidos.

Palavras-chave: Ensino, Sociologia, Práticas Educacionais, Educação urbana, Cultura.

INTRODUÇÃO

O artigo é resultado do trabalho efetuado pela autora como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - UFRN, Subprojeto Sociologia, entre agosto de 2018 e dezembro de 2019 na Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, escola estadual de Natal conhecida popularmente como Machadão. O PIBID é um programa que visa aproximar estudantes de licenciatura da realidade escolar pública, a qual possivelmente será enfrentada diariamente por esses após a conclusão da sua formação docente.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Sociais - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, natalia_yolanda@hotmail.com



Para além disso, o programa é espaço de experimentação, ação social essencial para construir uma formação de professores que questione, problematize e dialogue, de forma a construir o saber. Esse artigo discorre sobre a minha experimentação como bolsista do projeto, o que é uma experiência aparentemente pessoal, e que é nitidamente única, mas que é possível base de debate e discussão da formação de professores no contexto de educação pública em si.

É a partir da vivência no contexto escolar da referida instituição de ensino e da experimentação que emergem duas questões essenciais: 1) Como construir um conhecimento sociológico palpável com esses estudantes? 2) Como exercer uma prática docente sociológica libertária numa escola a qual a violência e o descaso são predominantes?

A pesquisa visa discorrer sobre essas perguntas de forma crítica para com base nelas, traçar possibilidades de um ensino libertário palpável no contexto da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado. Nessa abordagem, esse ensino é entendido como aquele que dialoga, gera compreensão e se conecta com as realidades escolares nas suas diversas formas/complexidades.

Para tanto, o trabalho utiliza de 3 pilares de pesquisa que objetivam dar possibilidade contextual de discussão dessas perguntas: as culturas dos estudantes e como elas se relacionam; as suas utilizações/relações com o espaço escolar; e a violência e busca pela disciplina presentes na instituição. Esses pilares são problematizados no decorrer do artigo com base nos conceitos de cultura (MORIN, 2001) e do vigiar e punir colocado por Foucault (2012).

A partir das questões e pilares supracitados, faço uso de uma pesquisa bibliográfica virtual acerca da referida escola e de uma pesquisa de cunho etnográfico (MALINOWSKI, 1997) nessa instituição de ensino. Para além disso, são construídas pesquisas quantitativas/qualitativas com os discentes, de forma a culminar na apreensão da escola, lida como o arcabouço principal para a geração da educação libertária conceituada por Freire (1983b) e discutida sociologicamente no decorrer do texto.

Após a identificação desses aspectos, discuto o processo de formação de aulas e dinâmicas que façam uso dessas realidades como combustíveis do ensino de Sociologia. Dessa forma, a pesquisa, ao aliar conhecimentos das áreas da Antropologia, Pedagogia e Sociologia, culmina numa educação que pauta a relação sujeito-sociedade e que é construída a partir, para, e com os discentes do Machado.



METODOLOGIA

Inicialmente, a construção da pesquisa é feita por um levantamento bibliográfico realizado através da *internet* sobre a instituição de ensino. Na tese de que para apreender todos os aspectos da escola é necessário analisá-la primeiramente de forma quantitativa, a qual aponte para a construção governamental e social do Machadão, são analisados dados obtidos na Secretaria Estadual de Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte e do Censo, ambos com dados referentes ao ano de 2018.

Com base nesses dados, realizo a pesquisa de cunho etnográfico no campo estudado: a Escola Estadual Professor José Fernandes Machado. A observação participante foi inicialmente executada com a inserção no ambiente de ensino, através da observação das aulas de Sociologia nas 4 turmas de ensino médio da escola: 1º ano; 2º ano “A”; 2º ano “B” e 3º ano. Contudo, no decorrer das pesquisas e da construção da etnografia, a atuação passa a ser centrada na observação da escola em si, visando entender a sua cultura para apreender as diversas culturas presentes no contexto escolar. Isso se refere aos momentos que proporcionam interação entre todos os atores da instituição: a chegada na escola, o intervalo e a saída, temporalidades essenciais para compreender a dinâmica de funcionamento da escola, como os alunos se relacionam com essa e como seus sujeitos se relacionam entre si.

Nesse sentido, foram realizadas conversas e entrevistas com funcionários, professores e estudantes. Pelo fato da pesquisa ser embasada pelos últimos e na sua relação com a escola, foram realizados pesquisas quali-quantitativas com esses, as quais se direcionaram para compreensão das suas afetividades e relações com o espaço escolar. Além disso, também foi realizada uma avaliação acerca da disciplina de Sociologia no que se refere ao período 2018-2019, buscando apreender suas percepções de forma metodologicamente ampla e diversa.

A partir desses aspectos de pesquisa, é pensada a prática e a atuação a ser realizada em sala de aula. Foram construídas 4 aulas no 2º ano “B” que visaram discutir de forma libertária as temáticas: cultura, diversidade cultural, identidade cultural e a indústria cultural.

Para além disso, pela identificação da violência espacial presente na escola (como também da física), foi realizada uma aula interativa na quadra da instituição com



a temática: “Violência e Cultura de Paz”, que buscou traçar um caminho inicial para ressignificar os espaços de ensino e a violência presente na escola. Dessa forma, a metodologia do trabalho é elaborada para fazer uso de ferramentas de pesquisa diversas, que culminem na compreensão da escola por diversos eixos geradores de conhecimentos que serão problematizados e pautados na aprendizagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Neusa Gusmão (1997, p.8) coloca o desafio da alteridade na interação em campo: “A aventura de se colocar no lugar do outro, de ver como o outro vê, de compreender um conhecimento que não é o nosso”. Diante de um contexto de dia-a-dia do ensino, a dificuldade de exercer alteridade, principalmente com os discentes é latente, contudo, na atuação no Machadão, busco desenvolvê-la por meio do uso da etnografia, a qual gera frutos essenciais trabalhados nas aulas e dinâmicas ministradas. O método etnográfico foi cunhado por Malinowski em 1922 e ao dissertar sobre o objetivo da etnografia, o autor coloca:

Estas três linhas de abordagem levam ao objetivo final que um etnógrafo nunca deve perder de vista. Esse objetivo é, resumidamente, o de compreender o ponto de vista do nativo, a sua relação com a vida, perceber a sua visão do seu mundo. Temos de estudar o Homem e devemos estudar o que mais profundamente o preocupa, ou seja, aquilo que o liga à vida. (MALINOWSKI, 1997, p. 36).

A pesquisa discute justamente as relações dos discentes com a vida e com a sociedade em si, assim como com a sociedade estudantil, a qual possui regras, normas e culturas específicas, numa alusão às sociedades tradicionais pesquisadas por Malinowski. Dentre os principais aspectos a serem levantados na etnografia, encontra-se a busca pela identificação das culturas presentes nesse ambiente de interação social. Nessa abordagem, faço uso do conceito de cultura debatido por Edgar Morin:

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. (Morin, 2001, p.56).



Ao apreender aspectos das culturas da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, para além das musicalidades, vestimentas, danças, relações com espaço e com outros sujeitos, são identificados como presentes na instituição aspectos de violência, exercida não somente dos discentes da escola entre si, mas também no que se refere a um controle gerado e manipulado pelo próprio ambiente, o qual permeado pelo abandono da sua estrutura física, exerce um controle disciplinar particular nos estudantes do Machadão. Sobre a relação entre corpos, docilidade e espaço, Foucault aponta:

Os métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de disciplina. (FOUCAULT, 2012, p.133).

A partir da identificação desses aspectos antropológicos e sociológicos, o trabalho em sala de aula é efetuado com base na concepção de educação libertária de Paulo Freire: “[...] um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente” (Freire, 1985, p. 125) e na fuga de uma prática docente bancária que coloque os discentes na posição unicamente de receptores de conhecimento. A educação problematizadora, que tome como base as vivências dos estudantes e seus saberes, é colocado por Oliveira como um desafio:

[...] a educação jamais é uma dádiva, uma doação de uma pessoa que sabe àqueles que não sabem, mas algo que se apresenta como um desafio para educador e educando, um desafio que é a própria realidade composta de situações-problema, de inquietações, de angústias e de aspirações do grupo. Isto constitui a matéria-prima do processo educacional. (OLIVEIRA, 1989, p. 31).

O processo educacional que busco efetivar durante a atuação no Machadão é marcado pelo desafio da construção de uma educação como ato de amor e coragem (FREIRE, 1983b). Nessa abordagem, esse processo objetiva ressignificar as práticas de ensino de Sociologia, já que trabalha uma perspectiva de emancipação através de uma educação pautada nas realidades, conhecimentos e vivências dos estudantes da referida instituição, como também considera as afetividades entre instituição e discentes como geradoras de uma determinada cultura escolar que deve ser debatida.

A busca pela educação como um processo de compartilhamento é narrada por Freire, que ao discorrer sobre a educação libertária em oposição à prática bancária,



coloca: “Ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1983a, p. 79). Com base nas teorias e aspectos citados, o artigo discute uma forma encontrada para exercer uma educação sociológica em comunhão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escola Estadual Professor José Fernandes Machado foi instituída em 1982 na cidade de Natal. A escola, que forma atualmente alunos do ensino fundamental II, ensino médio e ensino médio profissionalizante, localiza-se geograficamente na Zona Sul de Natal, no bairro de Ponta Negra, caracterizado socialmente como de classe média alta. A escola é cercada por comércios, prédios, um *shopping* e por uma zona caracteristicamente turística.

No mesmo bairro, mas relativamente distante da parte notadamente comercial e turística, é localizada a favela Vila de Ponta Negra, uma das maiores comunidades de Natal. Assim como o bairro de Ponta Negra, a única escola pública com ensino médio do bairro (até a data da pesquisa) não é caracterizada pela unicidade e homogeneidade de sujeitos sociais.

A partir da pesquisa bibliográfica emergem características importantes para pensar a atuação a ser realizada na instituição. Segundo dados de 2018 do MEC (Ministério da Educação) e do INEP (Instituto Nacional de Pesquisas Educação) a média da escola no ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio) é de 479 pontos, na medida em que Natal possui uma média de aproximadamente 505 pontos. Dados do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 2018 refletem índices problemáticos: 69% dos discentes não foi aprovado por abandono ou reprovação.

Além disso, realizo ainda uma pesquisa construída com dados do Censo 2018 sobre os aspectos materiais e físicos da escola: a instituição possui 27 salas de aula e uma ampla área verde, contando com 89 funcionários no referido período. Segundo o Censo 2018, a escola estadual possui computadores, DVD, TV, aparelho de som, filmadora e etc. Os dados dão direcionamento para questões a serem observadas na pesquisa da escola em si.

Com a construção de uma pesquisa prévia para orientar o trabalho de campo, é realizada a observação participante na escola, com base na tese de que esses dados,



imersos em um contexto de realidade e de uma diversidade de fatores, podem ser modificados. Ao analisar a estrutura física da escola, percebo um cenário de precariedade: existem diversas paredes rachadas, estruturas de ferro enferrujado evidentes e um amplo terreno descampado que pertence à instituição. O banheiro da escola esteve em reforma no período de 2018-2019, dessa forma, os alunos tinham a possibilidade de uso de 5 banheiros químicos presentes na escola.

Visualmente, existem poucos espaços direcionados para o lazer dos estudantes, que quando não interagem na própria sala de aula no período de intervalo, vão para a quadra de esportes (que apresenta uma parte de sua estrutura do teto pendendo). Alguns também vão para o refeitório e outros grupos de discentes ficam andando pela escola. Vale ressaltar que esses espaços não eram utilizados somente antes do toque de início/fim das aulas ou no intervalo, já que durante a pesquisa observo que diversos estudantes, apesar de estarem em horário de aula, se encontram realizando atividades de cunho diverso na instituição.

Além da utilização comum, como comer e conversar, esses ambientes também são espaços de brigas entre discentes. Durante a minha experiência no Machadão, estou presente na escola quando ocorrem duas brigas, contudo, isso ocorre com determinada periodicidade na instituição. Para além da violência física em si, resalto a violência espacial/ambiental exercida nos discentes através da estrutura social de abandono que vai desde o mato que cresce na instituição e suas condições físicas, até a paralisação em 2 momentos distintos da reforma nos banheiros.

As instituições públicas seguem parte do modelo discutido por Foucault como estratégias de controle e busca pela docilidade, o que também ocorre com o Machadão, a exemplo dos seus muros altos, horários pré-definidos e divisão de disciplinas. Contudo, ao realizar a observação participante, fica nítida que a busca pela disciplina estudantil através do vigiar e disciplinar, numa instituição pública, apresenta particularidades diante do abandono: Como esse controle materializado pelo espaço físico se altera numa realidade precária da escola pública estudada?

Permeada por essa questão, observo que os estudantes, diante desse contexto, rompem essa docilidade na medida em que buscam pelo exercício de algum tipo de controle através de dois âmbitos: a reforma dos banheiros e o controle de si nesse espaço. No que se refere à reforma da instituição, os estudantes visam transformar o cenário de reforma paralisada que influencia na sua utilização dos espaços: eles



discutem estratégias de atuação e no dia 12 de junho de 2019, realizam uma manifestação pautando a continuidade da reforma dos banheiros com cartazes e palavras de ordem. A manifestação é divulgada ao vivo pelo jornal potiguar “Patrulha da Cidade” e o ato foi discutido nas aulas de Sociologia de todas as turmas de ensino médio.

Na observação participante, analiso uma busca de um número considerável de estudantes de diversas turmas pelo controle de si, exercido através de faltas e abandono das aulas enquanto elas ocorrem. Os estudantes reinventam a utilização de espaços, por exemplo, ao fazer uso da quadra para jogar futebol durante toda a manhã e ao realizar atividades ilícitas na instituição.

Devido a diversidade presente nos estudantes, o controle de si é objetivado de forma diversa e criativa. Além das formas citadas anteriormente, a musicalidade e as vestimentas emergem como essenciais para compreender as diversidades dessas juventudes. A escola não possui rádio, contudo, os estudantes fazem uso de aparelhos telefônicos e caixinhas de som para escutar ritmos diversos que vão do rock ao *bregafunk*, ocupando o espaço com sons e danças.

Apesar de possuírem um uniforme escolar obrigatório, existe uma busca dos discentes por utilizar suas próprias roupas e, em último caso, modificar aspectos do uniforme para que ele externe a sua própria identidade. Além disso, diversos estudantes fazem uso de acessórios como bonés, correntes, brincos, tiaras e colares que os conectam ou os separam como grupo.

A observação participante permite compreender como funcionam as relações do Machadão. Contudo, para apreender outros aspectos acerca do perfil social dos discentes, recorro à entrevistas e conversas com os discentes da escola. Essas são embasadas sobretudo pela busca do entendimento de onde esses estudantes moram, como vem para a escola e a sua opinião sobre essa. A maioria dos discentes do ensino médio é morador da comunidade Vila de Ponta Negra e vem para a escola de onibus. Especialmente no 1º e no 2º ano “A” o número de discentes moradores de condomínios nos arredores da escola e da Vila de Ponta Negra é semelhante. A turma do 2º ano “B” é a única em que todos os discentes são moradores da Vila de Ponta Negra.

A partir da identificação de todos os fatores citados anteriormente, elaboro a forma pela qual se dará a busca inicial pela construção de uma educação libertária. Foram realizadas inicialmente: 1 aula sobre cultura; 1 aula sobre diversidade cultural; 1



aula sobre identidade cultural e 1 aula sobre indústria cultural no último semestre letivo da turma do 2º ano “B”.

Todas as aulas foram embasadas na etnografia realizada na escola. Assim, debateu-se em sala de aula, respectivamente: quais eram as culturas presentes na escola e como identificá-las; quais as diversidades culturais presentes na escola (quais seus hábitos, vestimentas, linguajares e formas de expressão) e na comunidade que os estudantes viviam; quais eram e como eram formadas as identidades culturais dos discentes e de outros sujeitos com os quais esses não se identificavam sob a luz de recortes teóricos referentes a raça, gênero e classe; e como a indústria cultural atua na vida desses e na sociedade.

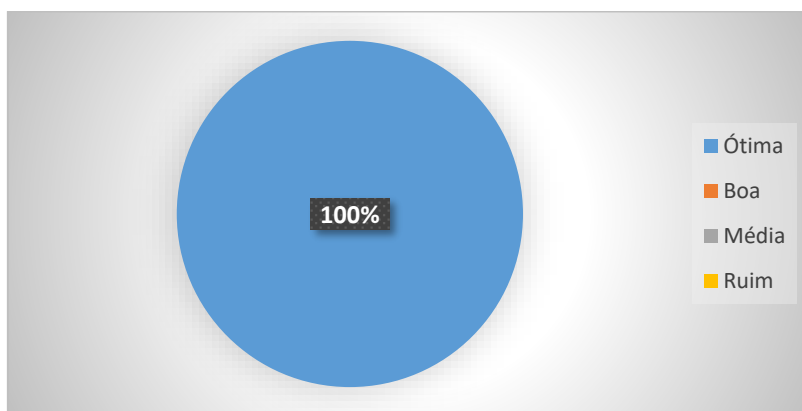
Dessa forma, as vivências dos estudantes e a identificação delas, proporcionaram ampliar o processo do saber a partir das realidades dos discentes, gerando uma maior criticidade e construção conjunta do conhecimento através do dialogar e do dar lugar de fala aos estudantes para, com base nisso, partir para construções teóricas. Embasada pela tese de que o contexto físico da escola modifica as relações entre discentes e atores escolares, busco uma atuação que construa com os estudantes uma educação libertária que debate criticamente esses aspectos. Assim, na 5 e última aula, é realizada uma dinâmica que faz uso da quadra como possível ambiente de aprendizado e de apropriação da instituição.

A dinâmica é iniciada na sala de aula com as questões “Como utilizamos o espaço da escola? É possível utilizá-lo de forma diferente?”, a partir delas, é sugerida fazer uma aula na quadra e seguimos para o local indicado. Através de uma roda no próprio chão do ambiente, discutimos a temática da violência e da cultura de paz com base em depoimentos dos discentes acerca dos momentos em que se viram em situações de violência ou buscaram por uma cultura de paz. Pela quadra ser um espaço de utilização comum, existiam discentes presentes nela conversando ou dançando, no decorrer da aula, esses discentes voluntariamente entraram na roda e participaram das discussões.

Por fim, foi realizada uma pesquisa de caráter quali-quantitativo, na qual os discentes especificamente da turma trabalhada responderam as perguntas: 1) Como você avalia a atuação do PIBID – Sociologia esse ano? 2) Como você avalia a aula de hoje?. Os resultados obtidos se encontram compilados nos gráficos percentuais abaixo, respectivamente nos Gráficos 1 e 2.



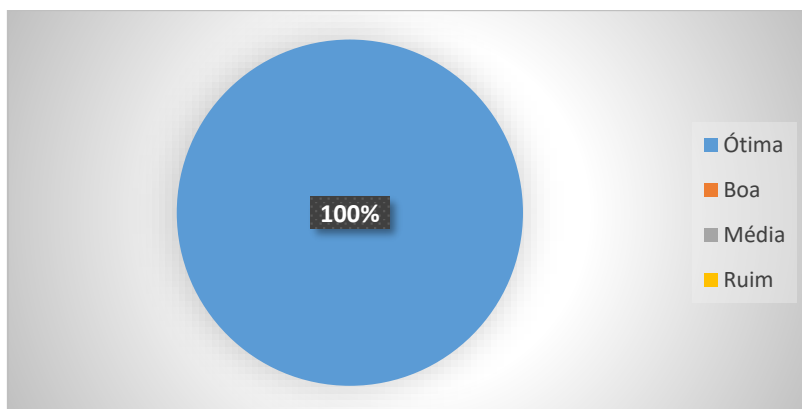
Gráfico 1: Avaliação dos estudantes sobre o PIBID - Sociologia em 2019



Fonte: Acervo próprio.

Na parte qualitativa da referida questão, foi dada a possibilidade de os discentes discorrerem da forma que preferiam sobre a sua resposta, o que todos fizeram. Para manter o sigilo de opinião, aponto algumas colocações sem citar nomes ou me aprofundar acerca delas. Todas as citações foram transcritas da forma exata a qual os discentes as escreveram: “Aulas ótimas e muito interativas”; “Fez atividades de uma forma que todos nós nos interessassem”.

Gráfico 2: Avaliação dos estudantes sobre a 5ª aula



Fonte: Acervo próprio.

À segunda questão do questionário também foi dada a possibilidade de justificar livremente a resposta colocada. Novamente, visando manter o anonimato dos discentes, as respostas colocadas por esses são apontadas brevemente: “Muito mais legal que as



outras”; “Ótima porque abordou assuntos da nossa realidade e o que a gente vive de fato”; “Foi muito criativa, eu amei”; “Amei o lugar da aula e o assunto”.

A partir da formação da etnografia foi possível construir uma educação sociológica com os estudantes feita a partir deles, que os tocasse e gerasse conhecimentos sólidos de forma palpável. Segundo debatido por Saviani (1990), a educação da escola deve gerar essa criticidade no estudante com base na realidade social do aluno de forma que essa seja aberta também a considerar seus anseios e questões sociais.

Nesse sentido de análise educacional, Freire contribui na discussão libertária: “Numa visão libertadora, [...] da educação, o seu conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças” (Freire, 1983a, p.120). Dessa forma, a atuação discutida modifica aspectos da efetivação e repasse de conteúdos através do diálogo entre sujeitos da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho da pesquisa, é evidente a possibilidade e potencialidade da utilização dos lugares sociais e realidades dos discentes para construção de um saber conjunto que não seja pautado unicamente na educação bancária como forma de compreensão ou geração de conteúdos. Para além da nitidez desse aspecto, ele surge também como urgente diante de um contexto de escola pública que não favorece fisicamente e mesmo metodologicamente a sensação de pertencimento e interesse dos estudantes, caso encontrado em diversos níveis de análise na Escola Estadual Professor José Fernandes Machado.

Mesmo em um contexto material e físico de falta de equipamentos e locais adequados, a educação libertária em Sociologia e outras disciplinas emerge como possível de experimentação por parte de docentes e licenciandos em formação de diversos âmbitos. No artigo, foram discutidos aspectos sociológicos de atuação educacional, contudo, é visível um horizonte para além das disciplinas de humanas que busque a efetivação de um modelo libertário nas ciências da natureza, linguagens e matemática de forma adaptativa e considerando as especificidades de cada instituição de ensino.



A possibilidade de efetuar um trabalho nesse sentido diante de uma rotina exaustiva de trabalho educacional fixo e diário não pode deixar de ser citada, contudo, considerando também esse fator, emerge a necessidade cada vez maior de experimentações nos seus mais diversos formatos, espaços, conteúdos e dinâmicas. A partir da busca desses aspectos de forma a levar em consideração a construção conjunta do saber, será possível enxergar de forma cada vez mais nítida um caminho que ressignifique a atuação educacional e a formação de professores.

REFERÊNCIAS

- ARQUIVOS UFRN. Diagnóstico EE Prof José Fernandes Machado Disponível em: <arquivos.info.ufrn.br/arquivos/.../Diagnostico_EE_Prof._Jos_Fernandes_Machado.pdf>. Acesso em 8 de agosto de 2020.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Vozes. Petrópolis 2012.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da Liberdade. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983b.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.
- FREIRE, Paulo. *The politics of education: culture, power, and liberation*. Westport, CT: Bergin and Garvey, 1985.
- GUSMÃO, Neusa. Antropologia e educação: origens de um diálogo. Cadernos Cedes, Campinas, v. 18, n. 43, p. 8-25, dez. 1997.
- MALINOWSKI, B. "Os Argonautas do Pacífico Ocidental" in: *Ethnologia*, n. s., no 6-8, p. 17-38, 1997. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/33086118/MALINOWSKI-Bronislaw-Os-Argonautas-do-PacificoOcidental>>. Acesso em 2 de agosto de 2020.
- MELHOR ESCOLA. Ee Prof José Fernandes Machado Ens 1 e 2 gr. Disponível em: <<https://www.melhorescola.com.br/escola/ee-prof-jose-f-machado-ens-1-e-2-gr>>. Acesso em 7 de agosto de 2020.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2001.
- OLIVEIRA, M. D. Paulo Freire. In. ORTH, L. M. E. (Tradutora). O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- QEDU. Ee Prof José Fernandes Machado Ens 1 e 2 gr. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/escola/73549-ee-prof-jose-fernandes-machado-ens-1-e-2-gr/censo-escolar>>. Acesso em 15 de agosto de 2020.
- SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. Cortez editora. São Paulo, 1990.
- SIGEDUC. Monitoramento da Educação: Secretaria do Estado de Educação do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<https://sigeduc.rn.gov.br/sigeduc/public/transparencia/pages/home/portal.jsf>>. Acesso em 5 de agosto de 2020.